

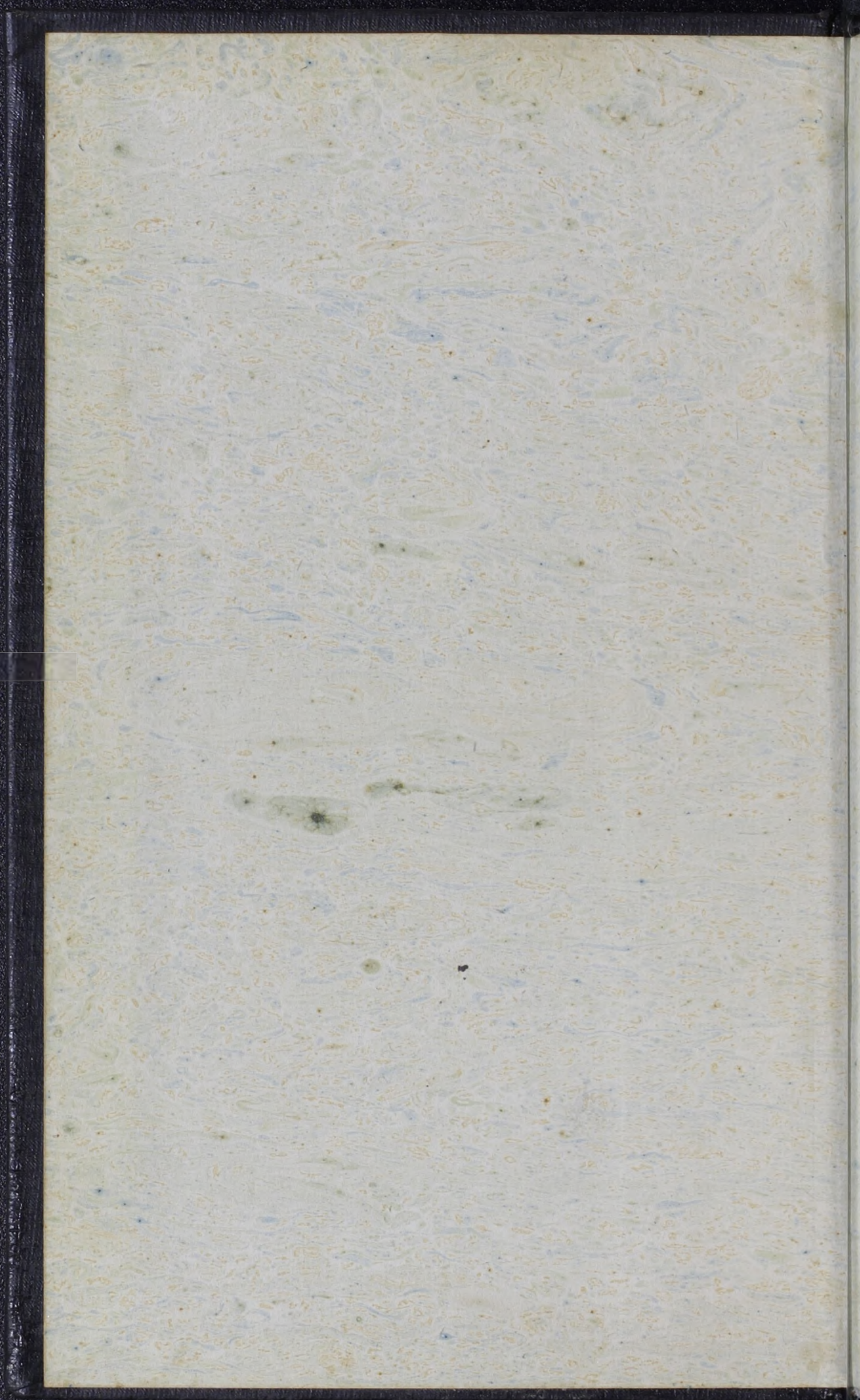
J. DE ALENCAR

em

VOTO DE GRAÇAS

DISCURSO

R.M.O.L.



Rovida

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESA"
Tomo I. 32672

LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY

VOTO DE GRAÇAS

DISCURSO

Que devia proferir na sessão de 20 de Maio

O DEPUTADO

J. DE ALENCAR

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"
Tombo N.º 32672
MUSEU LITERÁRIO

LIVRARIA BRAZILEIRA
DE
TANCREDO DE BARROS PAIVA
132, Rua do Lavradio, 132

Annuncia ás Terças-feiras
no "Jornal do Commercio"

RIO DE JANEIRO

TYP. J. DE ALENCAR & C.ª RUA SETE DE SETEMBRO N. 159

1873

NOTA

Resolvi imprimir o discurso que devia proferir da tribuna da camara dos deputados, na discussão do voto de graças, cujo encerramento é um dos maiores escandalos parlamentares á que tenho assistido.

Prevalecendo-se da circumstancia minima de não estar eu presente quando me tocou a primeira vez de fallar, arrebataram-me a palavra de que ainda não usei em um só debate politico, na presente legislatura.

Não posso afirmar que o discurso proferido fosse textualmente como sahe escripto. Trasladei-o para o papel ao chegar da camara, com a mesma isenção com que tencionava orar.

Todavia é natural que o estylo se resinta do trayo da penna, a qual é sempre mais tarda do que a palavra. Em compensação meu estado de saude não me permittiria tão longo folego na tribuna.

Tenho deixado de pronunciar discursos de outro valor que não ha neste: e nunca fiz cabedal dessas ideias abafadas ao nascedouro. Não é pois o desvanecimento da obra, que moveu-me a dar corpo ao pensamento que havia de ser discurso; e sómente um justo e nobre desforço contra a violencia que soffreu hoje a tribuna parlamentar.

20 de Maio de 1873

J. DE ALENCAR

DISCURSO

O Snr. J. de Alencar.—O sacrificio que faço neste momento, os accentos desta voz roufenha, éccos da ruina de uma existencia, que tenho consciencia de haver gasto na imprensa e na tribuna, ao serviço do paiz; este supremo esforço, é a protestação mais energica e solemne que eu posso levantar contra a abstenção dos dissidentes e liberaes neste debate, abstenção annunciada pelos orgãos legitimos aquelles partidos, e contra a adhesão que hontem o nobre presidente do conselho, e agora um illustrado membro de commissão do voto de graças, prestarão a essa tactica parlamentar.

Se alguma vez eu tive a nobre ambição de grangear a attenção desta augusta camara, neste momento reconheço que não devo pedir, nem posso justamente esperar sua benevolencia. Maior sacrificio do que eu faço, para enunciar-me nesta tribuna, seria talvez necessario para me ouvir.

Basta-me, senhores, que esteja aqui bem proximo de mim (*disigna a mesa do tachigrapho*) o jornal, que é um dos ouvidos da nação. Alli, na'quellas folhas esparsas, póde esta voz debil e cansada depositar meu pensamento sobre a marcha dos negocios publicos; e a imprensa, se elle o merecer, dar-lhe-ha o orgão poderoso que rompe a distancia e devassa o futuro.

Ouve-me o paiz. Esta augusta camara póde repousar das fadigas de uma discussão, que apenas em começo já esgotou sua attenção.

Nos governos representativos, senhores, o parlamento não é sómente uma officina de fazer leis; deve ser, e ainda mais, o sanctuario da opinião nacional, o grande crysol onde se apura a

politica do paiz e se elabora a governação do estado Não podemos ser legisladores unicamente, senão tambem apóstolos, incumbidos de propagar a fé politica, pois antes da lei está a idéa, que é como a sua semente.

Somos aqui os missionarios da nação, enviados para doutrinar o povo no evangelho da liberdade constitucional.

E' sobretudo essa propaganda que distingue o parlamento nos governos representativos dos antigos conselhos aulicos, e constitue a força respeitavel da tribuna. Restaurai a opinião publica neste Brasil, onde ella já foi tão vivaz e robusta, que eu vos mostrarei, senhores, donde se governa o paiz, se é dessas cadeiras ministeriaes, hoje degrãos do throno, se aqui destes bancos razos, que, em os rodeiando o povo, valem um pedestal.

Nos tempos em que o Brasil tomou a peito o systema representativo, foi daqui, destes balaustres, e não dahi dessas poltronas, que os Feijós, os Evaristos, os Honorios, intimavam aos ministerios a vontade do partido a quem pertencia a situação, e dirigiam pela força de sua palavra e prestigio da opinião a marcha dos negocios publicos.

Outros tempos foram aquelles, senhores, em que a maioria parlamentar, constituia a alta representação de um partido politico, revestida do incontestavel direito de intervir directamente na formação dos gabinetes. Acaso a cabeça, que deliberava e decidia, transformou-se agora em cauda, arrastada ao sabor de todos os caprichos, não dos ministros, mas de quem só neste paiz tem o *fiat*, para a luz como para a treva, para a verdade como para o erro?

Respeito muito esta augusta camara para admittir semelhante inversão; antes devo crer que tão compenetrada se acha ella do desejo bem manifestado pelo paiz, de consignar-se aos cuidados de seu augusto soberano, alliviando-se do pesado onus de governar-se; que evita crear a menor difficuldade á marcha dos gabinetes imperiaes, portadores da vontade soberana.

Nutrido tão profunda convicção acerca da summa impor-

tancia da tribuna parlamentar, e da poderosa influencia que ella deve exercer na politica do paiz, entendo que a abstenção no debate é sempre uma deserção á causa publica, e não deve jámais ser empregada pelos partidos como recurso de opposição. Nos paizes de opinião, não póde com effeito haver maior evasão do que a do silencio. A palavra que desaparece da tribuna é o general que foge quando toca a rebate.

Por isso, como o invalido, mal ferido nas pelepas, que arrastando-se com esforço, acode ao signal de avançada, e no seu ardor ainda acha forças para atirar ao inimigo tiros desgarrados, e cahir no campo da honra; venho eu, tambem invalido e trazido por igual sentimento do dever, lançar algumas palavras sem nexo, grito de uma convicção sincera e robusta, que já não tem infelizmente as suas armas de combate.

Admirou-me em extremo que o nobre presidente do conselho, applaudisse a attitude de meu nobre amigo, orgão da dessidencia, e entrevisse na annunciada abstenção uma reforma de muito alcance, que estancando a abundancia da palavra, tornaria menos esteril o periodo legislativo. Parlamentar provado em uma longa e brilhante carreira, filho da tribuna, onde conquistou as suas esporas d'ouro, e todas as honras que adornam o seu nome e não valem seu merecimento, não comprehendendo o eclipse de tão illustrado estadista.

Ignora S. Ex. que si ha alguma cousa de fecundo nos paizes livres é a tribuna parlamentar? Que esse alluvio de palavras, que os inimigos da discussão julgam atiradas ao vento, concreta-se em opinião, em lei, em programma politico de uma situação? Que a verbosidade, de que tanto desdenham certos espiritos positivos, para não dizer materialistas, é o direito do povo, que paga com o suor de seu rosto as galas imperiaes e os fardões dos ministros, e portanto deve ter a licença de desabafar pela voz de seus representantes, ainda que apoquente um tanto a paciencia dos que o *fintam*, em ambos os sentidos no antigo e moderno?

A tribuna e a imprensa, lembre-se o nobre presidente do conselho, são as duas arterias onde se toma o pulso á nação

para conhecer-lhe a força e a vitalidade. No momento em que ambas, ou esta só calar-se; no momento em que se abra o silencio em torno dessas poltronas; o signal do tempo será visivel. Cahirá a calma sinistra que precede o temporal e na qual o rumor se prepara para ser trovão. Está bem clara a allegoria. A palavra que sopita-se aqui é clamor lá fóra.

Justificando sua attitude não sómente nesta discussão, como no decurso da sessão finda, o illustre orgão da dissidencia não mostrou nesta evolução o tino estrategico que eu lhe reconheço. Em verdade effectuando a retirada de sua phalange, o distincto marechal do futuro, ultimamente promovido a marechal do presente, descobriu inteiramente o flanco ao governo.

Seu discurso não foi mais do que um indice rapido de muitas das importantes questões da actualidade, que estão reclamando, especialmente desta tribuna popular, meditado e amplo debate, porque sobre ellas paira suspenso o espirito publico, esperando o conselho e a doutrina dos immediatos representantes da nação.

Cinco mezes, disse o illustrado orgão da dissidencia, foram dissipados pela camara sob a direcção e responsabilidade do gabinete de 7 do Março; e uma só de tão urgentes necessidades publicas, não está satisfeita. E' uma triste verdade, que veio pôr o remate á imprudencia da dissolução da antecedente legislatura.

Dissolver uma camara, a que apenas restavam tres mezes de cançada existencia, para sustentar um gabinete que hoje, um anno depois, com cinco mezes de trabalhos legislativos, não avançou uma pollegada do ponto em que se achava a 22 de Maio do anno passado; não é por certo o exercicio de uma attribuição constitucional, mas um luxo de arbitrio, uma ostentação desse absolutismo de facto, que o povo brasileiro outorgou á corôa, em remuneração da constituição que a corôa outr'ora outorgou ao povo.

Tanto mais de notar é semelhante fasto da magestade, quanto não foi inspirado pelo desejo de manter no poder uma politica, mas unicamente pelo capricho de satisfazer ao amor

proprio de um homem ; porque, senhores, este ministerio que desde o primeiro dia de sua formação tem mudado tantas vezes de pelle, este ministerio cameleão, se resume na pessoa do presidente do conselho, que serviu durante alguns mezes de regente responsavel. Foi para pagar este serviço, que dissolveu-se uma camara, sem mais cerimonia, do que é preciso para fabricar um barão, ou nomear um varredor da imperial capella.

Quem é responsavel perante o paiz pelo anno inutilmente consumido ; pelos morticínios que se deram nas eleições feitas sob a funesta impressão de um golpe de estado ; pelo abuso de se governar durante dias sem lei do orçamento, recolhendo-se aos cofres publicos, não impostos, mas verdadeiras extorsões ; e sobretudo, senhores, por esta convicção funesta que ficou na consciencia nacional de que a maioria parlamentar não tem mais o direito de negar sua confiança a um ministerio do *especial agrado* ?

O gabinete que n'este paiz, obtem o cargo de porta-sinete ; isto é, que merece a honra de trazer na salva, ou no bolso, a nutra imperial, esse gabinete por força que tem por si as summidades, como as teve o ministerio de 7 de março ; e quando por um caso inaudito lhe falharem algumas, como está succedendo agora na eleição directa, quem sabe se por não ter ainda apparecido o sinete grande, com guarda ; não é isto obstaculo. Inventam-se summidades, para o que ha lá nas altas regiões os utensilios e os materiaes necessarios.

Faz-se uma summidade com dois pergaminhos, ou pelles de carneiro, entre as quaes se enfaixa um talento ou senão uma mumia maior de quarenta annos, com os postigos que ella já tem, e outros que selhe addicionam, como sejam commendas, titulos, fitões, chaves d'ouro, e mais fraudulagens. Os dois pergaminhos, não careço dizel-o, são as cartas de senador, e de conselheiro de estado.

Até agora para se ter á mão e já preparada a massa de que se fazem as summidades, havia o cuidado de conservar no senado um viveiro, d'onde se tiravam a medida da necessidade

as mudas para o conselho de estado, cujo effectivo nunca foi preenchido.

Acaba-se porém de inventar um processo mais expedito para o fabrico desse producto politico, chamado summidade. Improvisa-se uma provincia sob a invocação de algum santo, ou augmenta-se o numero dos deputados de outra; e abi está uma nova fornada de senadores.

A' vista disto quem contestará que o imperador do Brasil não tem como o rei de Inglaterra, a prerogativa de crear pares? Ha apenas uma pequena differença no modo: lá o rei nomea directamente; aqui o imperador recommenda ao parlamento o projecto, o que em bom portuguez significa a sancção prévia da infallivel futura lei: nomeia elle mesmo um presidente, que o ministerio endossa para o publico; e depois escolhe natural e suavemente um dos eleitos do povo, sem ironia, pois o povo é elle, unico e verdadeiro soberano deste paiz.

Nesta escolha, uma das prerogativas de que a corôa é mais ciosa, e com razão, porque abi está um dos dentes da alavanca de Archimedes, empregam-se varios systemas, conforme a conveniencia. Uma vez rifa-se a curul na copa de um chapéo. Outras descobre-se um principio constitucional, em virtude do qual um homem honesto não pode ser senador, porque teve a facilidade de aceitar uma cadeira nos conselhos, onde sobe-se na razão inversa do nivel moral. Logo depois derroga-se esse principio para escolher senador, justamente o ministro que se fez eleger, mas com prévia licença e consentimento.

Quando a grimpa collocada no cimo da torre, varia tão a miude e em rumos tão oppostos, é signal, dizem os mareantes, de que o vendaval anda pelas nuvens, e não tarda a remoinhar sobre a terra.

(Aqui o orador naturalmente faria uma pequena pausa para descansar; e continuaria seu discurso, como se verá da folha seguinte, si alguém não se aproveitasse da interrupção para requerer o encerramento.)

O Sr. J. de Alencar.—Com o poder de improvisar summidades, qualquer gabinete favorito, pode vir a este recinto armado com um tridente de papelão como o 7 de março intimar á camara o formidavel *quos ego* de 22 de maio!

Não é pois a esterilidade destes cinco mezes, o maior mal que soffreu o paiz; e sim o golpe mortal que desfechou a corôa no governo parlamentar, quando vos prohibio, a vós representantes da nação de entender com a formação ou mudança dos gabinetes; reduzindo esta camara a uma simples chancellaria.

(O Sr. presidente.—Devo observar ao nobre deputado que não é curial qualificar a camara de chancellaria.

O orador.—Tem V. Ex. toda a razão. A cancella e tambem a cancella não estão aqui, mas no senado, onde a esta hora o nobre ministro do imperio recebe a correção do rascunho do orçamento que sahio desta commissão temporaria.)

O Sr. J. de Alencar.—Mas á esses cinco mezes de esterilidade, lamentados pela dessidencia, a essas vacas magras que annunciamao nosso Egipto uma praga de gafanhotos, oppoz acaso a opposição conservadora outras tantas vacas gordas?

Porque motivo, quando o governo e sua maioria, outr'ora se dizia a maioria e seu governo, cahia na inercia, que é o primeiro ministro deste paiz; porque motivo, não fecundastes, vós, oradores eminentes, as sessões vasiaas, semeando no espirito publico, neste solo que se deve arar sem descanso, a vossa palavra eloquente?

Não, senhores, permitti que o diga um amigo e compa-
nheiro vosso em muitas lides parlamentares, embora separados, desde que tomastes o rumo do governo. Não tendes razão. A esterilidade desta sessão, esterilidade absoluta que não deu nem fructo nem flor, corre tambem por vossa conta; e mais talvez pela vossa do que pela do ministerio.

A vós opposição, competia animar as discussões desta camara; trazer perante esta tribuna os ministros que se haviam

acastellado no senado; chamar a estas galerias o povo que as abandonara fatigado de não ouvir mais do que uma troca de cumprimentos e finezas, bem semelhantes aos sorrisos dos antigos aruspices. Quem faz os gastos da representação, tem direito de exigir mais alguma cousa.

Si os desgostos profundos da vida privada, não desobrigam o cidadão de cumprir seu dever, não é menos certo que tiram ao homem polilico a serenidade de espirito de que elle necessita para bem apreciar a marcha dos negocios publicos. O catonismo romano não é desta sociedade, inspirada pela sublime religião do Christo.

Arredado deste recinto por motivos sabidos, não pude occupar a tribuna nas discussões politicas da sessão anterior, senão teria interpellado a illustrada dessidencia pelo abandono em que deixava os grandes interesses nacionaes.

Era triste realmente, senhores, ver como corriam aqui os mais importantes debates, no meio destes bancos ermos, na presença de alguns amigos dedicados do orador que tinham por dever acompanhal-o no seu primeiro discurso, como nos actos solemnes da vida; ou de tres imperterritos frequentadores das galerias, que ahi fazem domicilio para não serem obrigados á termo.

Onde está, perguntei eu muitas vezes, entrando nesta solidão, onde está a dessidencia, que prezando-se de representar a verdadeira lei do partido conservador, não devia deixar apagar-se nunca o fogo sagrado? Que significação tem este silencio da parte de um partido, que exautorado dessa cathegoria por um decreto imperial, deve trabalhar incessantemente para desforçar-se do esbulho que soffreu, de seu nome, de suas idéas, de seus chefes, e até de suas tradicções?

Mudo na imprensa, e mudo na tribuna, deixava passar triumphante o carro do gabinete, no meio da procissão dos barões e commendadores da tarifa; ao som marcial da musica dos batalhões, cujo soldo se augmentou; e seguido pelas ovações da imprensa publica e privada ao serviço do dono do erario.

Não tenho presente o catalogo que fez o illustre orgão des-sidente, das necessidades publicas mais urgentes, e que deixaram de ser providas pela maioria da camara. Só tocarei pois nas principaes rubricas.

Figura em primeiro lugar a reforma eleitoral, e é de razão, porque está na moda dizer-se que della depende a regeneração do systema representativo; como se não fosse absurdo regenerar uma cousa que ainda está por gerar; ovo que sahio goro apesar de incubado por duas revoluções, o 7 de Setembro e o 7 de Abril.

Senhores. Pasmoo quando vejo consumados estadistas, homens traquejados na rotina da nossa governança, fazerem tamanhos gastos de erudicção e eloquencia para mostrar as virtudes da panacea eleitoral, pois não posso crer que estejam mistificando o paiz.

Na curteza de minha intelligencia, penso que o elemento essencial de uma eleição é o povo, sem o qual são de todo ponto superfluos os melhores processos de votação, bem como as mais solidas garantias da liberdade das urnas.

Ora, senhores, vivemos em um paiz povoado por guardas nacionaes, militares, recrutas, empregados publicos, empreiteiros, concessionarios, commendadores, barões, toda a especie de titulares; e finalmente pela grande raça dos pretendentes. Povo, na legitima acepção do termo não existe; delle apenas restam vestigios em alguns raros caracteres independentes, como são entre outros, os briosos cearenses que me enviaram á este recinto, dando um brilhante exemplo de civismo.

Em um paiz povoado por esta forma só ha um eleitor, e é aquelle que abrindo a mão semeia a terra de cidadãos condecorados, fardados e privilegiados, os quaes tem a seu cargo representar de nação, conforme o programma ministerial. Directa ou indirectamente, com censo ou sem elle, o resultado será o mesmo.

A proposito, devo tocar em um incidente da discussão, que se prende intimamente com o meu assumpto.

Referiu-se ha pouco o nobre deputado pelo Rio-Grande do Sul (o Sr. Dr. Flores) á uma expressão enunciada nesta casa acerca da sua eleição ; e considerou como affronta aos brios de seu partido dizer-se que elle e seus collegas eram os *representantes das espadas* de Herval e Pelotas.

Confesso que enxerguei nimia susceptibilidade nesse ressentimento. Si ha representantes das baionetas, dos trabucos, e até do canhão, que pela primeira vez funcionou agora na campanha eleitoral do Aracaty ; me parece que aos deputados liberaes do Rio-Grande do Sul em vez de uma satira, fez-se um comprimento.

Mas, senhores, a que vem disputarmos a origem de nosso mandato, e a legitimidade da eleição que nos trouxe a este recinto, quando a verdade reconhecida e incontestada, é que todos estamos aqui unicamente pela vontade soberana de quem nos póde despedir, como importunos, quando « assim o exigir a salvação do estado? » Ora a salvação do estado; segundo Voltaire, póde depender de uma cirandagem. Quem sabe, diz aquelle escriptor, qual seria hoje a face do mundo sem o argueiro que metteu-se na uretra de Cromwell ?

A illustre deputação liberal do Rio-Grande, cuja presença neste recinto eu applaudo, até como uma reparação da injustiça que soffreu em 1866 de seus correligionarios, tem consciencia de haver obtido um triumpho mui brilhante, derrotando por grande maioria os candidatos do governo.

Não pretendo escurecer a sua victoria, embora seja notorio que o partido liberal do Rio-Grande do Sul teve em seu favor o desgosto do partido conservador trahido ali, como em toda a parte, por seus chefes. Nem de outra forma se explica o silencio que durante a eleição se fez em torno do nome de Joaquim Mendonça.

Tambem eu, senhores, tive meu triumpho, pequeno, modesto, sem ruido, nem ovações, mas de um valor inestimavel, porque o inspirou a mais nobre independencia, e a generosa solidariedade com o infortunio, virtude tão rara nos tempos

de hoje. Alguns prestantes amigos, cujo nome eu calo, para não expo-los aos rancores de adversarios, mas que todo o Ceará conhece, consideraram um empenho de honra a minha reeleição e ella se fez.

Mas esses meus dedicados e prestantes amigos, conseguiriam seu intento, se por ventura o poder armado de ponto em branco se resolvesse a expugnar a minha candidatura? Bastava-lhe transmittir a palavra de ordem ao presidente, o qual prescindindo das influencias locais e dos votantes, mandaria fazer uma eleição a bico de penna.

O mesmo aconteceria com os illustres generaes riograndenses. São vultos legendarios, cingidos de gloria, cercados de amigos e admiradores; mas de influencia politica só tem o reflexo que lhes consente o grande dispensador da popu'aridade neste paiz, onde o povo namora especialmente o galão, o ouropel, o brazão, e as teteas. Quizesse o poder, e as espadas illustres que talharam tantas paginas de gloria ao Brazil, não cortariam uma folha de almoço que servisse para um diploma.

Podem os nobres deputados persistirem nesse « engano d'alma ledo e cego »; quanto a mim solemnemente declaro com a mão na consciencia, que sou deputado, como sou cidadão, pela vontade omnipotente, porque si ella não o tivesse resolvido assim em sua alta e inexcrutavel sabedoria, eu não voltaria á este recinto, nem permaneceria um momento neste paiz de cujo pó sou feito.

Lavra-se o decreto de banimento de um individuo mais facilmente do que se exhorta um povo livre de sua soberania.

O nobre ministro da justiça, que teria o maior prazer em referendar este decreto, por bem do meu descanso, facilmente obteria desta augusta camara um bill de indemnidade, se, com a ingenuidade que o caracteriza, não se julgasse autorizado a tomar esta medida pela disposição de alguma futura lei. Foi este pelo menos o systema com que elle se defendeu aqui das en-

commendas que de sua, ou de mais alta recreação, andou fazendo de codigos e outra bagagem legislativa.

E' por essa convicção de que a patria, a casa, a profissão, a imprensa e a tribuna, tudo devemos á quem por tolerancia nos permite estes favores ; que tanto me esforço de dia em dia por mostrar os perigos da fatal absorpção das forças vivas do paiz, reduzido á uma gleba. O povo, que desaprendeu de resistir ao seu rei, não saberá defendê-lo na hora do perigo, nem guardará o throno, que deve ser o paladio de suas liberdades.

Não me quero desviar da senda que tomei, acompanhando o discurso do illustrado orgão da dissidencia.

Os termos da questão eleitoral, esta augusta camara os conhece. Levantou-se nos circulos politicos desde certo tempo a esta parte uma opinião em favor da *eleição directa censitaria*, que se apregoa como o salvaterio. Em torno dessa opinião agrupam-se dessidentes e liberaes, que se acham assim formando um só e mesmó partido, unidos pelo vinculo poderoso de tão importante reforma politica.

A posteridade, se tiver pachorra para occupar-se com este reinado das bagatellas, a posteridade ficará estupefacta, vendo formar-se no seio de um paiz, mirrado pelo governo pessoal, um partido rico de talentos, que se propõe a regenerar o systema representativo por meio de uma caricata aristocracia !

O censo, senhores, não é outra cousa mais do que o predomínio do dinheiro, da posição, do emprego, das honras, de todos esses accidentes ou accessorics sobre o agente, sobre o homem. Supprime-se o cidadão, e põe-se em seu lugar o estafermo, que traz um titulo, uma carta ou um recibo.

Este absurdo chamado censo, que por uma ironia da grammatica sôa como o vocabulo usado para exprimir o criterio da razão ; essa anomalia, tem existido em muitos paizes, porque o homem, senhores, é uma criança, que, ao tactear os primeiros passos, tropeça muitas vezes no erro antes de alcançar a meta, a verdade.

Nações sahidas do ventre do feudalismo, ou preadas pelas garras do absolutismo em um lanço audaz, ensaiaram o sys-

tema representativo nas condições anormaes de um censo, que a pouco e pouco vão annullando. Nenhuma, porém, já deu o exemplo do regresso da democracia á aristocracia.

Tal obra estava reservada para o Brasil, para a joven democracia americana, e devia ser consummada pelo partido liberal. Esse nobre partido, que em todos os tempos e entre todos os povos foi sempre o precursor das grandes conquistas do povo, abandonando a causa santa do progresso para se pôr ao serviço da rotina européa! *Magni nominis umbra!*

Mas não se trata agora de instruir o processo deste grave erro que cedo, bem cedo, hade ser expiado. Meu proposito neste momento é outro.

Quando uma questão se apresenta sob o aspecto que tomou a reforma eleitoral, e subleva os partidos do paiz, embora em sentido diverso, todas as forças politicas ahi se concentram. Torna-se a questão mãe; o problema do presente, de cuja solução depende o futuro do paiz.

Elevada a esta cathegoria, nenhuma questão se pode encerrar nos estreitos limites da discussão especial e technica. Por força que se hade dilatar além do cadinho legislativo; invadir todos os órgãos da publicidade; e dominar a attenção publica. E' o thema infallivel de todos os debates; porque é a preocupação constante do paiz.

Na sessão anterior, esperei que a magna questão absorvesse a discussão do voto de graças. Era aqui perante os immediatos representantes do povo, que interpellado a respeito de suas intenções devia o gabinete fazer as importantes declarações, que o senado ouviu.

Não occupava eu ainda o meu logar, que esta augusta camara deixou vago cerca de mez e meio, tolhendo o meu direito e privando de toda a representação a provincia do Ceará. A não ser este esbulho da palavra, eu não teria guardado para este momento o meu reparo.

A abstenção da dissidencia imitada pelos liberaes, deu logar a que senado, corpo conservador, tomasse a iniciativa em uma reforma do mais alto alcance politico, em uma reforma

que entende essencialmente com o principio da representação, do qual nos sommos a mais popular e portanto a mais nacional das personificações.

Essa pagina de nossos annaes parlamentares, que escreveu a camara vitalicia na discussão da penultima falla do throno; se pelo talento e eloquencia honra á tribuna brasileira; como documento politico é a authentica da degeneração do systema representativo, lavrada pelos padres conscriptos desta era da decadencia.

Não é de hoje, senhores, que a gymnastica politica revirou em nosso paiz a pyramide, imagem do governo representativo na phrase de Brougham, equilibrando-a sobre o apice, com o auxilio das duas escoras do senado e do conselho de estado. E' ali n'essas aulas regias, que se iniciam as reformas, e se imprime a direcção ao paiz.

Pode ter um brasileiro o mais elevado talento e especiaes dotes politicos. Se não pertence a camara vitalicia não passa de um *páo de laranja*. E' a carta de senador que faz d'elle um medalhão, um candidato a organisador de gabinete, um homem-situação.

Deixando escapar aquella occasião devia a desidencia recobrar o tempo perdido, ainda mais tendo para a discussão a base do projecto já apresentado á camara. O meio efficaz de trazer quanto antes esse projecto ao terreno da discussão, ou de matal-o á nasçença, era o debate da falla do throno.

O silencio pode ser um manejo; nunca porém será um estimulo parlamentar, que active as reformas.

Se tivesse forças aproveitaria o ensejo para enunciar minhas idéas sobre a magna questão. Perguntaria aos apologistas do censo, com que direito pretendem elles exautorar do voto a massa dos cidadãos brasileiros que os enviou a este recinto. Mostraria não com retalhos de escriptores, mas com os factos que a decantada eleição directa produzirá os mesmos resultados, com a unica differença de ser mais cara. Custará mais sangue ao paiz; mais corrupção ao governo; e mais dinheiro aos candidatos.

Tambem tratou o illustrado orgão da dissidencia da reforma municipal, merecendo-lhe reparo que o actual gabinete deixasse esquecidos nos archivos da camara, trabalhos já adiantados.

Quando se inaugurou esta situação, tive a honra de achar-me ao lado do nobre conselheiro, no gabinete de 16 de julho. Mais tarde por motivos que o paiz conhece retirei-me do poder; e o meu nobre collega lá ficou, para ser testemunha e referendario da punição de minha revolta.

Desde este momento quebrou-se a nossa solidariedade politica. Eu votei-me ao ostracismo, para mostrar o caso que fazia das posições de favor. S. Ex. continuou a dirigir os negocios do paiz por uns seis mezes, que não lhe acrescentaram um obulo de gloria, mas ao contrario marearam a reputação de firmeza e rigidez do gabinete de 16 de julho.

Esperava-nos porém o nivelador mór ; e hoje os brilhantes projectos de S. Ex. estão cobertos da mesma poeira que enterrou os meus. O gabinete de 7 de março deu á sua reforma municipal o mesmo destino que á proposta da guarda nacional.

Devo aqui lavrar uma resalva. Na opinião do illustre orgão da dissidencia, todos nós conservadores sommos responsaveis pelo desfecho d'esta situação.

Quanto a mim declino. O chefe do gabinete de 16 de julho, que era tambem chefe do partido conservador, absolveu-me de toda a responsabilidade ficando no poder quando eu me retirei. Desde esse momento a responsabilidade peza unicamente sobre os que o acompanharam, deixando-me em unidade n'esta casa.

Si como era de seu dever, os membros do gabinete de 16 de julho, resistissem ao acinte que estava deliberado contra seu collega, e deixassem o poder para vir ao parlamento combater o governo pessoal ; a situação conservadora inaugurada em 16 de julho não tomaria o rumo que a trouxe a esta actualidade. Talvez houvera expirado, mas com honra, deixando ao paiz o exemplo salutar de um partido que regeitára o poder para manter sua dignidade.

Com o fim de pôr em relevo a importancia da reforma mu-

nicipal citou o illustre orgão da dissidencia., as palavras de Tocqueville, o qual chamou o municipio de eschola politica. Permitta-me porém sua S. Ex. dizer-lhe que essas palavras poderão applicar-se á França ; mas não ao nosso paiz, onde o municipio será quando muito collegio ou lyceu. A eschola politica é a parochia, onde o cidadão aprende a cartilha eleitoral elegendo o seu juiz de paz.

Prescindindo porém desta questão onomastica, é de lamentar que o illustrado orgão da dissidencia se mostre tão impaciente de desacreditar a sua eschola politica, e precisamente quando a pretende melhorar. O que é a eleição censitaria senão a formal condemnação do municipio ?

Passando á instrucção publica, censurou o nobre deputado o luxo da construcção de palacios para escholares. De feito é de estranhar essa ostentação em aulas de meninos, quando algumas das escholares onde se aprende o officio de ministro andam por casas velhas e alugadas.

Mas não era o illustre ministro do imperio do gabinete de 16 de julho o mais proprio para fazer semelhante censura, elle que foi o Rouher dessa ostentação napoleonica. Ainda não esqueceu a carta que a S. Ex. dirigiu o nosso augusto soberano, recusando uma estatua em projecto, e manifestando o seu desejo de que fossem os donativos, offerecidos para aquelle fim, applicados á instrucção publica, e construcção de edificios proprios para escolas.

Correu immediatamente a subscrição, e nella appareceram os nomes de alguns cidadãos desinteressados que de repente sentiram-se possuidos de enthusiasmos pela instrucção publica, apezar da indifferença que mostraram sempre pela sua. Abriu-se um novo balcão á venda dos titulos ; e confeccionou-se a tarifa dos preços.

Estes actos já não são do periodo ministerial do distincto orgão da dissidencia ; mas foram os corollarios naturaes da carta napoleonica.

De vez em quando o nobre ministro do imperio transforma em barão ou commendador algum fuão, pelos serviços relevan-

tes prestados á instrucção publica. Na Europa, si occupam-se em lêr estes despachos, hão de pensar que o novo titular é um sabio, uma notabilidade nas sciencias ou lettras. Entretanto o grande merito do illustre fidalgo foi uma prodigalidade de dez contos de reis.

A instrucção publica é sem duvida, senhores, a luz que se derrama no seio do povo ; mas si essa luz sahir do foco impregnada do fumo espesso da corrupção, longe de irradiar a civilisação, ao contrario diffundirá o brilho sinistro, que se desprende das sociedades decadentes, como fogo fatuo.

Não pode ser util uma instrucção propagada por esta forma. Lembre-se o deffensor perpetuo do Brasil que elle está envenenando com o filtro da lisonja, a infancia que hade ser o povo de sua dynastia. Quanto não fôra preferivel deixar que os idolatras da magestade offercessem os seus anneis e manilhas para fundir a estatua de ouro, do que repartir esse thesouro em bolsas de trinta dinheiros ?

Nos palacios construidos pela vaidade, aprenderá o menino, pois lh'o estão ensinando as columnatas e florões, que neste paiz o grande problema social é a riqueza. O dinheiro tudo compra. Com elle se adquirem as honras que valem hoje mais que as virtudes ; pois tem o curso forçado e o cunho imperial.

A esta nação culta que se está preparando para o futuro, eu prefiro o povo brasileiro, ignorante e rude como foi na sua infancia politica, mas austero e sobrio. Esta futura raça de empreiteiros fidalgos para quem o mundo é um grande mercado ; vale acaso a gloriosa geração da independencia que aprendia francez nos ergastulos da Bahia, tendo por mestre o grande Antonio Carlos ?

Tocou por ultimo o illustre orgão da dessidencia na questão incandecente, como são todas as que abalão a fé e as tradições de um povo.

Convém, senhores, não confundir um incidente com o facto. A questão religiosa não é o duelo caricato do jesuitismo e da maçonaria, dois espectros do passado, que ressurgiram dos sar-

cophagos para esgrimirem neste seculo da publicidade e da imprensa, com a velha ferramenta.

Se ahi ficasse o conflicto, o Brasil nada tinha a perder. A caridade não carece do triangulo symbolico para se exercer neste paiz liberal ; e a roupeta da companhia longe de revestir a igreja de prestigio, lançaria sobre ella a impopularidade do instituto de Santo Ignacio.

Respeito a maçonaria, como respeito todas as instituições que trabalharam e soffreram pelo progresso da humanidade. Sem memorar agora os grandes serviços que ella prestou em outros paizes, offerecendo um asylo aos perseguidos, e fomentando o espirito de fraternidade, que foi o percursor da democracia moderna ; nós brasileiros não podemos jámais esquecer que as lojas maçônicas serviram em nossa patria de primeira officina da liberdade; foi ahi de trolha e avental, que os pedreiros livres da terra de Santa Cruz aprenderam a construir o grandioso monumento de nossa independencia. O apostolado foi o prologo da gloriosa revolução de 7 de setembro.

Mas, senhores, esses tempos passaram ; estamos no seculo da luz, onde nada ha de grande, de legitimo, de bello e santo, senão o que recebe em plena publicidade a sancção da opinião, em que os templos de Salomão se transportaram das casas lobregas e mysteriosas para o jornal, a tribuna, o pulpito e o livro.

A maçonaria tornou-se anachronismo. Deixemos jazer nos archivos do passado essa gloriosa reliquia ; não exponhamos aos motejos da turba aquelles symbolos respeitados, o avental, a trolha, a esquadria e o compasso, insignias do sacerdocio da arte e do trabalho.

Que importa que a excentrica Inglaterra ainda tome ao sério esta antigalha, bem como a escandalosa cabelleira de seu chanceler e o traje caracteristico da guarda escosseza? A Inglaterra é a respeito de costumes uma velha não ancorada no meio do seculo XIX.

Quereis cultivar a mais bella das virtudes, a caridade ; que-reis trabalhar na obra santa da instrucção do povo : para

que a maçonaria, se tendes a rocha viva da sociedade ; para que o segredo em face de publicidade ; para que a trolha, quando ahí está o typo ?

O christianismo offerece á vossa sociedade invocações muito mais bellas do que a do pedreiro livre, hoje que já não ha ser-vos, nem é vileza o officio mecanico.

Foi tambem, senhores, uma instituição respeitavel a companhia de Jesus, e a posteridade já lhe teria rendido justiça, attestando o poderoso impulso que ella imprimio á civilização moderna, se não fosse a ridicula exhumação que tacanhos espiritos tentaram fazer da roupeta negra para cobrir com ella uma trefega ambição.

Não falta quem recorde os crimes e attentados attribuidos aos jesuitas. Mas não se recordam esses das hecatombes de victimas humanas sacrificadas ao mais santo dos direitos, a liberdade ?

A companhia de Jesus foi regicida, como o longo parlamento em Inglaterra e a convenção franceza. Se a primeira creou o Paraguay, onde as funcções de geração eram reguladas a toque de sineta, que depois degen erou em toque de trombeta, segundo o barão de Jacuby ; a liberdade gerou esse monstro hediondo, chamado communa, que abolio o casamento, glorificando a prostituição, o que de certo é mais tristemente ridiculo do que a retreta paraguaya.

Por Francia e os dous Lopes, que lugubre catalogo não vos apresenta a historia da communa franceza nos poucos mezes de sua existencia ?

A condição da humanidade é e sta, senhores, que em todos os seus actos, como em todas as suas instituições, se encontram sempre os dous polos da creatura racional : o pó e a luz, a materia que se corrompe e o espirito que se purifica.

A democracia não deve aggre-dir tão severamente o instituto de Santo Ignacio, que foi um de seus precursores. Quem senão os jesuitas, organisou a resistencia ao absolutismo nos paizes de raça latina ? Quem diffundiu primeiro entre o povo a ins-

trucção, que é o abecê da liberdade? Quem reivindicou no Brasil os fóros da raça indigena?

A questão religiosa é outra e de maior gravidade. E' a reacção que se levanta na igreja contra o espirito do seculo e a civilização moderna, a gloriosa filha do christianismo.

Essa reacção não passa de um rebate da decadencia do poder temporal do papa. Sentindo escapar-lhe o ultimo baluarte do reino da terra, o clero revolta-se contra essa revolução providencial, e tenta por todos os meios envolver na tóa da disciplina ecclesiastica o regimen temporal da sociedade.

A responsabilidade do estado a que chegaram as cousas pesa sobre o governo, que não cohibiu a tempo as invasões do espiritual; que tornou dependente a creação das parochias da audiencia dos bispos; que tolerou a nomeação de conegos feita pelo bispo de Goyaz; que, finalmente, permittiu aos pastores dos povos, aquelles que Jesus-Christo escolhêra entre os pescadores e os operarios, se considerarem principes de uma igreja, cujo dogma é a humildade.

Mas o principal responsavel é aquelle que escolheu a dedo, *ex digito gigans*, os mais ardentes sectarios da reacção papista, os alumnos de Roma, para confiar-lhes a direcção espiritual dos brasileiros. Ahi estão os frutos dessa solicitude, que, ambicionando tudo fazer, prepara para o paiz um feixe de calamidades.

Cumpra que o poder legislativo acuda com as necessarias providencias. Regulai o casamento civil; declarai as attribuições temporaes dos bispos e parochos; fazei dos principes da igreja singelos pastores sem dom, nem fôro grande; defini claramente a prerogativa a que se tem dado com impropriedade o nome de padroado, pois não é outra cousa senão a soberania nacional, que adoptou o catholicismo como religião do estado.

O mal urge. A sociedade está abalada na consciencia, e na familia, que são como o cimento e o granito do edificio humano. Se confiais do governo, atado á remora do conselho de estado, quando mal pensardes a ruina estará imminente.

A primeira refrega já se fez sentir no Recife.

Lembrai-vos que o embate imprime ás duas forças convergentes um impulso violento. A controversia religiosa já deu este funesto resultado : de um lado a heresia, do outro o fanatismo. Difficilmente achareis um espirito cordato, subdito reverente do estado e da igreja, que os estreite ambas em sua fé.

Taes foram as questões que apontou o illustrado orgão da dissidencia, mas unicamente para arredal-as da discussão, celebrando com o gabinete o convenio do silencio. Outra seria a minha attitude na tribuna, si não estivesse privado de abrir largo debate sobre tão vitaes interesses do paiz.

A contradicção entre as nossas posições, resulta do diverso aspecto sob o qual se apresenta para cada um de nós a presente situação.

O illustrado orgão da dessidencia é chefe de uma phalange, que aspira ao poder, e deve por conseguinte disputal-o aqui nesta arena. Para esses partidos governamentaes os reptos parlamentares são assaltos d'armas, em que os mestres de esgrima combatem com floretes de gala, abotoados na ponta por pelotas de camurça. Não carecem de ferir-se; basta que se toquem imprimindo na farda ou na casaca a marca de gis, até que o juiz da sala declare vencedor um dos dois campeões.

Bem ao contrario eu com a paciencia de um trapista, todos os dias vou cavando mais fundo o fosso que me separa d'esse poder degenerado, que não pode satisfazer ambições nobres, e ao qual por certo não chamaria Guisot, si o conhecesse, o mais digno e glorioso emprego da actividade humana.

Este arremedo do poder, em vez de o disputar, eu o combato, mas sériamente, e não com jogos de espada preta. Entendo que os destinos de um paiz são cousa gravissima para servirem de assumpto a uma representação parlamentar. Tome cada um, desde o cimo até a base, o seu quinhão de responsabilidade. *Luat cum corio suo.*

Si em qualquer ensejo não seria justificavel o silencio, neste momento elle teria a gravidade de uma adhesão tacita, de uma

respeitosa homenagem prestada pelo parlamento ao cezarismo.

Seria quasi uma genúflexão.

Esse documento lido na sessão solemne de encerramento e abertura do parlamento, no meio das galas affonsinas de que é costume cercar-se a magestade nesse dia, não foi mais do que a solemne inauguração da obra do cezarismo começada ha muitos annos e finalmente coroada.

Até agora a questão do governo pessoal, muitas vezes por mim posta nesta tribuna, era arredada e as vezes de um modo menos cortez, pelos amigos da realza, que a lançavam á conta do despeito.

O que se entende por despeito? Esse impulso d'alma é uma revolta, e póde vir do interesse, como dos brios. Considerar dominado pela cubiça de honras e poder o homem que tornou-se impossivel é um absurdo. Pelo sentimento da propria estima, não contesto. Mas este que eu chamarei o despeito da dignidade, honra; nem eu conheço mais esplendido brazão de nobreza, do que esse que vem de Deus.

Já não sou eu porem, senhores, já não é a minha palavra isolada -*vox clamans in deserto*, que se levanta para accusar a existencia do poder absorvente. E' elle proprio quem baixa a assembléa geral dos representantes do povo, cercado de todo o seu esplendor, para receber a investidura solemne.

Convicto de sua omnipotencia, ante a qual dessorvam-se as velleidades de resistencia, não carece de 18 brumario, nem de 4 de dezembro. Basta que se manifeste para receber a consagração nacional. Augusto accitando o supremo poder que lhe deferiu o povo romano, recusou modestamente o titulo de *dominus*.

Rompendo o véo da ficção constitucional, em virtude da qual o soberano falla á assembléa como chefe do poder executivo, exercido pelos ministros, o ultimo discurso da coroa figura no throno a propria pessoa inviolavel, assegurando ao parlamento que *procura desempenhar seus deveres com todo o amor que vota a nossa patria*.

Desde que a magestade se dignou dirigir a palavra a assembléa geral, deu-nos á nós, representantes do povo, o direito de responder á esse topico, não por uma vã parodia, ou mero cortejo, mas com a sinceridade, que é a mais pura homenagem do cidadão a seu rei.

E' assim que eu vou responder, dirigindo-me aquelle throno onde está para nós symbolisada a magestade :

« Creio, senhor, no amor que votais á nossa patria. Sois o primeiro entre seus filhos, deveis ser o primeiro a amar, a defender, a respeitar a mãe do povo brasileiro. Estou convencido que não trocariéis o vosso throno singelo, apesar da velha roupagem bragantina, pela mais poderosa coroa da Europa.

« Ao sestro de nossa terra, de estimar em maior valia o que é estrangeiro, não escapais de todo, honrando mediocridades européas e desdenhando os talentos e caracteres brasileiros. A candeia fumarenta vista de longe em horisonte escuro figura estrella que rutila no céu ; emquanto que o astro mais brilhante parece ao telescopio terra combusta.

« Tambem creio, senhor, que seja vosso constante devello a fiel execução da lei fundamental, pois não ha nem melhor recompensa para os sacrificios da magestade, nem maior gloria para um rei.

« Mas, as attribuições supremas, as prerogativas constitucionaes, permitti que o diga, debalde esforçareis por desempenha-las, emquanto as não conhecerdes.

« Si ha tirocinio longo e difficil é este da realza ; e vòs ainda não o fizeste em quarenta e tres annos de reinado. Falta-vos o mestre dos reis, que é o povo ; mas um povo livre, conscio de seu direito, e disposto a exercer a soberania.

« E' esse povo quem forma os homens politicos, d'entre os quaes podeis escolher livremente os ministros ; para não succeder que primeiro se conheça o ministro do que o homem.

« As palavras solemnes que proferistes ante a assembléa geral revelou a duvida que assombra vosso espirito, senhor:

Os echos da opinião, que lavra surdamente e mal ousa murmurar, já repercutiram em vossa consciencia.

« Interrogastes a nação pelo órgão de seus representantes ; a nação pelo mesmo órgão deve responder-vos a verdade, e não um banal cumprimento que não lustra a vossa coroa.

« Tomo eu pois a palavra em nome d'ella, para dizer-vos d'aqui ” desta posição que eu occupo e cujos deveres procuro desempenhar com todo o amor que voto a nossa patria ” ; d'aqui desta tribuna que é uma das ameias da constituição :

« Estaes illudido, senhor. Sereis um soberano illustre, porém não sois um soberano constitucional. Mais difficil é para um principe fazer-se grande rei, do que tornar-se o maior subdito da nação e o primeiro soldado da liberdade.

FIM

NOTA.

Aquelles que por sua posição vivem constantemente expostos á publica censura, gosam de um prazer especial.

’o de rir-se da simplicidade de seus criticos, e dos logros em que elle cahem lançando pecha no melhor, desfazendo-se em elogios pelos mesmos, tomando ao serio o motejo, e querendo rir das cousas graves de que não entendem.

Este pamfletto em forma de discurso lembra certa anedocta.

Contava um homem de espirito um caso chistoso a sujeito mui seu conhecido. O ouvinte ou porque lhe tinissem os callos, ou porque estivesse a ruminar sobre os maçons e os jesuitas, escutava distrahido, de modo que ao terminar o conto, nem um sopro de rizo encrespou os labios do ouvinte.

Foi-se o outro, sem dar importancia ao pasmo do sujeito, pois o conhecia de longa mão, como achacado dessas canduras. Já ia longe e nem mais se lembrava do incidente, quando ouviu umas gargalhadas estrepitosas. Era o ouvinte, que afinal entendera o caso, e ria á bandeiras despregadas, correndo apoz o amigo para applaudir o engraçado conto.

Como aquelle paxorrento ouvinte, o publico leitor e escrevente, absorvido pelas magnas questões do pão nosso de cada dia, ainda não entendeu o discurso improvisado á penna e tinta, sem necessidade de camara, mesa, ministerio, tribuna, tachygrapho e todas essas molas essenciaes do maquinismo parlamentar.

Alguns profundos investigadores opinam que o author namorado da peça de architectura oratoria, que preparara para a festa do voto de graças, não quiz perder seu trabalho, e armara na imprensa o tropheo que lhe não deixaram levantar na tribuna.

Deixemo-los pensar. Não tarda ahi o publico, o verdadeiro publico, que já entendeu a cousa, e não achou má a lembrança.

Ora, aprendam os sabios, no senso commum, e que lhes aproveite a lição para se não suporem, como é seu costume, os mestres do mundo.

Tambem Voltaire aprendeu á sua custa que havia alguém mais espirituoso que elle; e era o povo.

ERRATA

PAG.	LINHAS	ERROS	EMEN
9	23	cahia	cabia
13	18	almoço	alma
15	7	povos	naçõ

